

A PRESENÇA DO SIMBOLISMO E DO IMAGINÁRIO BESTIÁRIO MEDIEVAL NA LÍRICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

GERVÁSIO, Eduardo Vieira¹; **FONSECA**, Pedro Carlos Louzada²

Palavras-chave: Bestiário Medieval – Lírica Brasileira Contemporânea

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

Os livros bestiários – espécies de compêndios de pseudozoologia surgidos na Idade Média, onde ciência e imaginação se fundem na descrição de animais, desde os mais familiares até os exóticos e mesmo de invenção mítica – apresentaram-se bastante difundidos no período medieval, florescendo por volta do século XII, e alcançando os séculos iniciais do período moderno. O termo *bestiário* era usado para nomear a referida veia literária que, desde há séculos, já era popular e circulava sob o nome de *Physiologus*. Inicialmente, o *Physiologus* era uma espécie de tratado de história natural que descrevia uma série de animais, sendo que, posteriormente, a cada descrição foi anexada uma lição moral de edificação cristã.

No seio desse imaginário religioso medieval surgiram os bestiários. Geralmente para cada descrição física ou comportamental do animal retratado havia uma lição edificante ou moralizante para os homens seguirem, pois tais revelações eram ensinamentos de Deus. Dessa forma, e a título de ilustração, o homem, segundo as lições dos bestiários, era aconselhado a seguir o exemplo do leão: o cristão deveria, na sua caminhada cristã, não deixar rastros para o Demônio segui-lo, da mesma forma que o leão apaga suas pegadas com o pêlo da cauda enquanto caminha. Nesses termos, a natureza tornava-se uma espécie de livro aberto para que os homens, devidamente instruídos pela doutrina cristã, obtivessem revelações das vontades divinas.

Tudo indica, de forma plausível, que foi nos termos dessa tradição bestiária, onde ciência e imaginação se fundiam nas descrições de animais, que certos poetas brasileiros da contemporaneidade, tais como: João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros e outros se serviram deste simbolismo animal medieval como tema e matéria de poesia. Desta forma, o imaginário medieval encontra-se, *mutatis mutandis*, disseminado ainda na cultura e na literatura dos dias atuais. Assim, consideramos de extrema importância verificar qual o tratamento dado pela modernidade a esse tema tradicional e secular, uma vez que aquela surge como uma ruptura com esta.

2. METODOLOGIA

O método utilizado por este sub-projeto de pesquisa foi a descrição e a análise crítico-teórica das fontes bestiárias medievais e de alguns dos poetas indicados como *corpus* de estudo. Foram realizados, ainda, vários colóquios com o Orientador para instruções acerca do entendimento do material. Sobretudo, de forma exegética, os objetivos foram alcançados através de leituras e da interpretação dos exemplos mais expressivos dos poemas que contemplam a realidade animal em termos existenciais e filosóficos, tal qual na tradição bestiária medieval.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido a extensão deste trabalho, apresentaremos somente dois dos seis poetas que foram estudados, a saber, Manoel de Barros e João Cabral de Melo Neto. Contudo, antes de adentrar no estudo da presença do imaginário medieval, especialmente nessa seção que trata

da disseminação da literatura dos bestiários na lírica brasileira contemporânea, algumas considerações gerais devem ser feitas. Uma delas é de que não devemos considerar que tais poetas apresentam uma consistência homóloga na tematização da matéria bestiária. O que realmente não ocorre, visto que, uns mais, outros menos recorrentemente, se utilizam dessa matéria para formarem os seus bestiários.

Se os motivos imaginários e simbólicos da imagem e do mundo de animais (familiares, domésticos ou mesmo selvagens) comparecem, por exemplo, pespontados, aqui e ali, num João Cabral de Melo Neto, o mesmo não acontece com Manoel de Barros que, em grande parte de sua obra completa, apresenta um florilégio de animais que pode ser considerado um verdadeiro bestiário. Nele, Manoel de Barros faz desfilar uma série de animais, os quais são descritos e portadores de ensinamentos edificantes por seu aspecto moralizador, bem a estilo dos tradicionais bestiários medievais.

Um exemplo da poesia de Manoel de Barros que revela, em termos de um simbolismo animal, a importância e a sabedoria dos animais é o poema VI - *Desarticulados para viola de cocho* :

“Compadre Amaro: - Vai chuvê, irimão
Compadre Ventura: - Pruquê, irimão?
Compadre Amaro: - Saracura ta cantando
Compadre Ventura: - Ué, saracura é Deusí?,
Se fosse imbusi, sim...”.

Esse pequeno diálogo revela uma grande riqueza – o imaginário popular da modernidade. Nota-se que esse diálogo reflete um contexto popular e rural pelo pronome de tratamento “compadre” e pela linguagem característica do caipira. Porém, o que esse diálogo revela de mais curioso é a sua semelhança com o imaginário bestiário medieval. Nessa tradição do medievo havia uma ave, a garça, que quando voava para lugares altos, tal vôo era sinal de tempestade. Assim, o vôo da garça se assemelha com o canto da saracura deste poema, ambos pressentem os sinais da chuva.

“Poema(s) da cabra” é um longo poema de João Cabral (de 11 blocos de 16 versos) dedicado à *cabra*. A escolha desse ruminante explica-se em parte, pelo fato que temos aí a origem do nome de sua família, *Cabral*. Neste poema, que o animal é símbolo do sertão e do sertanejo:

Um núcleo de cabra é visível
Por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabras é visível
em certos atributos roucos
que tem as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola,
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
Que muito aprenderam da cabra
O nordestino, convivendo-a,
Fez-se de sua *mesma casta*.

A cabra deu ao nordestino
esse esqueleto mais de dentro:
o *aço do osso* que resiste
Quando osso perde seu cimento.
(Melo Neto, 1994, p. 322-4)

Logo na primeira estrofe, encontramos uma semelhança da cabra com um dos princípios mais elementares dos bestiários medievais: a função exemplar dos animais “Com a

natureza da cabra / outras aprendem sua crosta”, ou seja, a cabra ensina sua natureza para outrem. A palavra chave desses versos é o verbo *aprender* que resgata a função didática do reino animal no imaginário medieval. A natureza dessa cabra é informada como uma qualidade no animal, os seguintes versos da segunda estrofe revelam os atributos do animal “que tem as coisas obrigadas / a fazer de seu corpo couro”, assim, a qualidade dessa cabra é a de adaptar-se de forma obrigatória ao clima inóspito do sertão nordestino, com o corpo transformado em couro, ela vence as dificuldades climáticas do nordeste.

Nas duas últimas estrofes, nota-se quem é que aprende com a natureza resistente da cabra “Os jumentos são animais / que muito aprenderam da cabra”, desta forma, a qualidade da cabra serve de exemplo para outros animais. Contudo, a principal imagem do poema é a relação homem/cabra, ou seja, o homem sertanejo aprendeu a natureza resistente do animal “O nordestino, convivendo-a, / fez-se de sua *mesma casta*”. A quarta estrofe é toda dedicada a uma espécie de animalização do homem que se vê obrigado a assimilar características da cabra para sobreviver num ambiente repleto de intempéries. Neste sentido, a cabra é a personificação do sertanejo, o conhecido “cabra da peste” é um asceta desde nascido, sujeito às durezas da vida e acostumado aos sacrifícios que a natureza e o clima inclemente de exigem.

4. CONCLUSÃO

Percebemos no desenvolvimento da pesquisa que a carga simbólica dos animais descritos na poesia brasileira contemporânea chega a uma extrema assemelha às aquelas simbologias dos antigos bestiários medievais. Isso significa que mesmo a modernidade da poesia brasileira, a qual se propõe a revisitar a literatura tradicional, se vale da tradição do imaginário medieval como matéria literária. Desta forma, percebe-se que a cada novo período histórico-cultural o universo simbólico da literatura, inclusive o simbolismo animal, se reveste de novas significações, porém, sempre reaproveitando motivos tradicionais.

Contudo, cabe uma explicação de natureza literária acerca desse reaproveitamento de motivos tradicionais. Pois estes bestiários modernos, por fim, de um modo geral são *textos líricos*: seus autores vêem os bichos como seres providos de inteligência e sensibilidade e *projetam* neles sentimentos e conflitos humanos; às vezes parodiam o estilo moralizador e conteúdo ingenuamente maravilhoso dos bestiários medievais e produzem efeitos sutilmente humorísticos. Assim, a modernidade não comporta aquele imaginário medieval em *stricto senso*, pois naquele contexto, para o homem medieval, os animais realmente eram dotados de lições morais designadas por Deus.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. Poesia quase toda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

¹ Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Letras – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, eduvieiraufg@bol.com.br

² Orientador/Faculdade de Letras/UFG, mestrado@letras.ufg.br